

Índice

BODE INSPIRATÓRIO

Bode Introdutório	17
<i>Por Ana Margarida de Carvalho</i>	
I. Raios e Coriscos	23
<i>Por Mário de Carvalho</i>	
II. Mudança de Chefia	25
<i>Por Inês Pedrosa</i>	
III. Recordações dos Tempos da Peste	27
<i>Por Ana Cristina Silva</i>	
IV. A Voz	30
<i>Por Ana Luísa Amaral</i>	
V. Egos Mexidos, Poder e a Possibilidade de Sexo	32
<i>Por Patrícia Reis</i>	
VI. Cybersex não Chega	34
<i>Por Ana Bárbara Pedrosa</i>	
VII. Os Pensamentos, tal como a Música, não Pedem Licença para Entrar	36
<i>Por Cláudia Lucas Chéu</i>	
VIII. Como Toupeiras	39
<i>Por Gabriela Ruivo Trindade</i>	
IX. O Medo	42
<i>Por Carlos Campaniço</i>	
X. Insensibilidade ao Paraíso	44
<i>Por Afonso Cruz</i>	
XI. O Peixe Colorido	46
<i>Por Jaime Rocha</i>	

XII. No Peito de Um Fanático também Bate Um Coração	48
<i>Por Hugo Gonçalves</i>	
XIII. Um Programado (com Defeitos)	50
<i>Por António Ladeira</i>	
XIV. Aquele Rosto Ambíguo	53
<i>Por José Mário Silva</i>	
XV. No Averso do Beijo	57
<i>Por Jorge Serafim</i>	
XVI. Saída da Caverna	60
<i>Por Ana Saragoça</i>	
XVII. Reboot?	62
<i>Por Luís Rainha</i>	
XVIII. Morte ao Sol	65
<i>Por Adélia Carvalho</i>	
XIX. O Sabor da Loucura	68
<i>Por Cristina Carvalho</i>	
XX. Em busca do Suave Milagre	71
<i>Por Rui Zink</i>	
XXI. Canção da Utopia	74
<i>Por José Fanha</i>	
XXII. Os Pés	76
<i>Por Hugo Mezena</i>	
XXIII. O Túnel ao fundo da Luz	79
<i>Por Domingos Lobo</i>	
XXIV. Índios da Meia Praia	81
<i>Por Raquel Ribeiro</i>	
XXV. Aqui Há Gato	84
<i>Por Licínia Quitério</i>	
XXVI. Mexe-Te	87
<i>Por Afonso Reis Cabral</i>	
XXVII. O Que Tentam Dizer as Árvores	89
<i>Por Joel Neto</i>	
XXVIII. Durante o Solilóquio de Reboredó, eis que o Professor Regressa	92
<i>Por Maria Manuel Viana</i>	
XXIX. Os Gestos mais Simples da Humanidade	95
<i>Por Raquel Patriarca</i>	
XXX. Cada Dia São Cem	98
<i>Por Julieta Monginho</i>	
XXXI. A Vacina da Liberdade	101
<i>Por Tiago Salazar</i>	

XXXII. A Entidade Que Escreve e <i>Blade Runner</i>	104
<i>Por Isabel Rio Novo</i>	
XXXIII. Completamente Só neste Meu Estado de Proscrita	107
<i>Por Helena Vasconcelos</i>	
XXXIV. 1101 101 100000000010 111 11101	111
<i>Por Tiago Patrício</i>	
XXXV. O Plano Calfucura	116
<i>Por Ricardo Fonseca Mota</i>	
XXXVI. O Oráculo das Cartas Manuscritas	120
<i>Por Paulo M. Morais</i>	
XXXVII. O Narrador Experimenta os Materiais e Corta-Se	123
<i>Por Gonçalo M. Tavares</i>	
XXXVIII. Teresa, o Dilema e o Guarda	126
<i>Por Álvaro Laborinho Lúcio</i>	
XXXIX. Melhorar o Mundo	129
<i>Por Rita Ferro</i>	
XL. Amor entre Humanos	131
<i>Por Luís Filipe Castro Mendes</i>	
XLI. O Robô Maneta e o Zombie Disfarçado	134
<i>Por Dulce Garcia</i>	
XLII. O Sacrifício de Reboredo	137
<i>Por Nara Vidal</i>	
XLIII. (sem título)	141
<i>Por Valério Romão</i>	
XLIV. Razões Possíveis para a Tristeza do Pensamento de Teresa	144
<i>Por Filipa Leal</i>	
XLV. Medo vs Fantasia	147
<i>Por Norberto Morais</i>	
XLVI. Elogio da Caverna	150
<i>Por Luísa Costa Gomes</i>	

ESCAPE GOAT

Introduction to the Translation	155
<i>By Victor Meadowcroft</i>	
Introduction: Playing the Goat	159
<i>By Ana Margarida de Carvalho (tr. Victor Meadowcroft)</i>	
I. Sparks Flying	165
<i>By Mário de Carvalho (tr. Daniel Hahn)</i>	

II. Change in Command	167
<i>By Inês Pedrosa (tr. Victor Meadowcroft)</i>	
III. Memories of the Time of the Plague	170
<i>By Ana Cristina Silva (tr. Andrew McDougall)</i>	
IV. The Voice	173
<i>By Ana Luísa Amaral (tr. Margaret Jull Costa)</i>	
V. Scrambled Egos, Power and the Possibility of Sex	175
<i>By Patrícia Reis (tr. James Young)</i>	
VI. Cybersex Just Doesn't Cut It	177
<i>By Ana Bárbara Pedrosa (tr. Rahul Bery)</i>	
VII. Thoughts, Like Music, Do Not Ask Before Entering	180
<i>By Cláudia Lucas Chéu (tr. Robin Patterson)</i>	
VIII. Like Moles	183
<i>By Gabriela Ruivo Trindade (tr. Julia Sanches)</i>	
IX. Fear	186
<i>By Carlos Campaniço (tr. Theo Bradford)</i>	
X. Insensitivity to Paradise	188
<i>By Afonso Cruz (tr. Lucy Greaves)</i>	
XI. The Brightly Coloured Fish	190
<i>By Jaime Rocha (tr. Annie McDermott)</i>	
XII. Fanatics Have Hearts Too	192
<i>By Hugo Gonçalves (tr. Isobel Foxford)</i>	
XIII. 2020: EVILA-SI-RAEF	194
<i>By António Ladeira (tr. Nick Caistor and Lucia Caistor Arendar)</i>	
XIV. That Ambiguous Face	197
<i>By José Mário Silva (tr. Beth Fowler)</i>	
XV. The Other Side of a Kiss	201
<i>By Jorge Serafim (tr. Tom Gatehouse)</i>	
XVI. Out of the Cave	203
<i>By Ana Saragoça (tr. Zoë Perry)</i>	
XVII. Reboot?	206
<i>By Luís Rainha (tr. Frank Wynne)</i>	
XVIII. Death to the Sun	209
<i>By Adélia Carvalho (tr. Padma Viswanathan)</i>	
XIX. The Taste of Madness	212
<i>By Cristina Carvalho (tr. Nuala Motel-Casey)</i>	
XX. In Search of the Tender Miracle	215
<i>By Rui Zink (tr. Emyr Humphreys)</i>	
XXI. Song of the Utopia	217
<i>By José Fanha (tr. Gary Michael Perry)</i>	

XXII. The Feet	219
<i>By Hugo Mezena (tr. Amanda Hopkinson)</i>	
XXIII. The Tunnel at the End of the Light	222
<i>By Domingos Lobo (tr. Ana Fletcher)</i>	
XXIV. The Indians from Meia Praia	225
<i>By Raquel Ribeiro (tr. Claire Williams)</i>	
XXV. The Cat's Out of the Bag	228
<i>By Licínia Quitério (tr. Bruna Dantas Lobato)</i>	
XXVI. Get the Hell Out	231
<i>By Afonso Reis Cabral (tr. Iona Macintyre)</i>	
XXVII. What the Trees Are Trying to Say	233
<i>By Joel Neto (tr. Charlotte Hammond Matthews)</i>	
XXVIII. During Reboredo's Soliloquy, the Professor Returns	236
<i>By Maria Manuel Viana (tr. Dominic Gourd)</i>	
XXIX. The Simplest Acts of Humanity	239
<i>By Raquel Patriarca (tr. Gitanjali Patel)</i>	
XXX. A Hundred Days for Every One	242
<i>By Julieta Monginho (tr. Sophie Lewis)</i>	
XXXI. The Freedom Vaccine	245
<i>By Tiago Salazar (tr. Rhian Atkin)</i>	
XXXII. The Writing Entity and <i>Blade Runner</i>	248
<i>By Isabel Rio Novo (tr. Gilla Evans)</i>	
XXXIII. All Alone in My State of Banishment	251
<i>By Helena Vasconcelos (tr. David G. Frier)</i>	
XXXIV. 1101 101 100000000010 111 11101	255
<i>By Tiago Patrício (tr. Charlotte Gleghorn)</i>	
XXXV. The Calfucura Plan	259
<i>By Ricardo Fonseca Mota (tr. Clifford Landers)</i>	
XXXVI. The Oracle of Handwritten Letters	263
<i>By Paulo M. Morais (tr. Diane Grosklous Whitty)</i>	
XXXVII. The Narrator Experiments with the Materials and Cuts Himself	266
<i>By Gonçalo M. Tavares (tr. Francisco Vilhena)</i>	
XXXVIII. Teresa, the Dilemma and the Guard	269
<i>By Álvaro Laborinho Lúcio (tr. Rachel Morgenstern-Clarren)</i>	
XXXIX. Improving the World	272
<i>By Rita Ferro (tr. Hilary Owen)</i>	
XL. Love Between Humans	275
<i>By Luís Filipe Castro Mendes (tr. Paul Castro)</i>	
XLI. The One-Armed Robot and the Undercover Zombie	278
<i>By Dulce Garcia (tr. Kim Olson)</i>	

XLII. Reboredo's Sacrifice	281
<i>By Nara Vidal (tr. Sarah Jacobs)</i>	
XLIII. (untitled)	285
<i>By Valério Romão (tr. Felix Macpherson)</i>	
XLIV. Possible Reasons for the Sadness of Teresa's Thought	288
<i>By Filipa Leal (tr. Sally Bolton)</i>	
XLV. Fear Versus Fantasy	291
<i>By Norberto Morais (tr. Mark Sabine)</i>	
XLVI. A Tribute to the Cave	295
<i>By Luísa Costa Gomes (tr. Christine Fernandes)</i>	

I

Raios e Coriscos

Por Mário de Carvalho

— Chame-me Ricardo. Ou Professor, se quiser. Mas isso de Rick é que não! Tenha lá paciência.

Pousados os papéis no tampo da mesa, o Professor olhava Teresa bem de frente, em suspenso durante uns instantes, marcando a diferença de gestos em relação à turbamulta, rápida e despachada, dos últimos dias. A rapariga descaiu-se numas desculpas tímidas, sumidas. O Professor voltou a mergulhar e a azáfama continuou. Teresa era nova na equipa. Não sabia que com aquele chefe não se brincava.

Seria uma centena, uma centena e meia de cientistas a trabalhar naquele exíguo espaço. Tinham alteado o solo enrugado da Caverna, com espeques de pau, e construído um estrado sobre que se erguiam os gabinetes, delimitados por placas de vidro ou pela presença desconforme das grandes máquinas que impunham a sua dimensão. Ao fundo, no lugar mais distante da Caverna, onde ela derivava para outras aberturas e câmaras escondidas, empinava-se o gabinete do professor, breve como os demais, tendo ao lado uma pequena sala de reuniões, com mesa corrida e quadro electrónico.

Toda aquela extensão fervilhava de gente, de bata branca, papéis e tablets na mão, deslizando pelos corredores, concentrando-se em frente dos múltiplos monitores, confrontando dados com rapidez e empenho.

Lúcia, dedilhando no teclado, não resistiu à urgência dum comentário pessoal:

— Praticamente três anos juntos, e o tipo, em me vendo, é como se me não conhecesse!

A colega estava a par da história e sabia como ela se sentia magoada.

— Bem vê. Emergência! As coisas depois voltam ao normal...

Dizer por dizer. Espontânea solidariedade. Na verdade, não haveria ocasião de aprofundar.

A jovem Teresa, pelo corredor fora, procurava esconder as lágrimas. No gabinete contíguo à entrada, os da equipa mais jovem tentaram consolá-la:

— O Professor é mesmo assim. Nada de pessoal. Anda pior desde que a Cacilda o deixou.

— Como assim?

— Foi uma fita, lá na faculdade, raios e coriscos... Não ficou uma cadeira inteira. Olhem, falai no Diabo...

A Professora Cacilda entrava, lentamente, pelo corredor, no seu traje de estrada, prateado, carregada com o capacete de mota e diversos sacos. Atrás dela, um pobre diabo, manifestamente admirado por se encontrar ali, transportava, em esforço, uma grande caixa. Cacilda atirou o capacete e uns sacos para dentro do seu gabinete, ao passar por ele, e disse ao homem que continuasse, até ao fundo.

— É preciso ajuda? — perguntaram-lhe.

— Obrigada — respondeu ela cortesmente. — Isto vai.

Todos esperavam que o encontro entre Cacilda e o Professor Ricardo pudesse resultar em contenda, num estremeção que aliviasse a monotonia daquelas tarefas. Mas não: o Professor levantou-se, recebeu-a cortesmente, ajudou o homem a colocar o pacote sobre a mesa, e disse apenas, em voz baixa e indiferente:

— Obrigado, Professora. Por favor, fique.

Não tardou a convocar todos os chefes de equipa ao seu espaço de reuniões:

— Querem saber as potencialidades deste aparelho? — começou, apontando para o embrulho sobre a mesa.

II

Mudança de Chefia

Por Inês Pedrosa

— Queremos, claro! — apressou-se a proclamar Rogério, exultante. — Aposto que neste aparelho residirá a solução final do grandioso projecto em que temos tido a honra de trabalhar sob a sua notável liderança, Professor!

Uma massa negra de morcegos surgiu esvoaçando em círculos dos confins da Caverna, como que em protesto por tão untuoso comentário. Os cientistas assustaram-se cientificamente, isto é, encolhendo-se e cobrindo a cabeça com as mãos. Um lingrinhas de óculos redondos, apalpando o cocuruto, anunciou, esfuziante:

— Ena! Acabo de recolher na minha cabeça material ainda quente!

Ignorando a escatológica interrupção, Ricardo retribuiu o encómio:

— Exactamente, meu caro. Com este aparelho, para começar, o fenómeno que acabámos de ver não se teria produzido e a nossa presença não seria detectada. Vamos à máquina!

Lançando para trás a cabeleira ondeada, Cacilda avançou para o Professor e declarou:

— Vamos. Mas, a partir daqui, quem fala sou eu.

— O quê?

— Sim. Como sabes, este aparelho foi inventado por mim. Trago aqui a minha nomeação. A partir de agora, a liderança deste projecto pertence-me... Rick.

Dizendo isto, Cacilda abriu um fecho-éclair sobre o peito e puxou um documento que atirou para a mesa.

Ricardo pegou no papel com dedos trémulos, e Lúcia esboçou um sorriso, como se abafasse a alegria do estoiro de uma garrafa de champanhe.

— Seja. Não me merecem. É por coisas destas que nada neste país avança. Está tudo contaminado — resmoneou o Professor, saindo da sala.

Rogério saltitou, solícito:

— Caríssima Professora, quer que a ajude a ligar o aparelho? Ou quer primeiro um café ou um copo de água? Deve estar cansada.

— Boa ideia. Traga-me um café. Lúcia, venha cá. Conto consigo como meu braço-direito. Vamos finalmente ter resultados. Esta Caverna será o princípio de um novo mundo.

— Espero que sim, que o velho já tresanda, Professora Cacilda. Obrigada pela confiança. Deixe-me apresentar-lhe a equipa.

— Não, Lúcia, prefiro que cada um se apresente a si mesmo. As apresentações devem ser pessoais; vê-se logo o que são as pessoas pelo modo como explicam o que fazem. Em geral, quanto mais retórica, menos ciência. E nós não temos tempo a perder. Onde é que aquele da solução final foi buscar o café, que nunca mais aparece?

Fez-se na Caverna um silêncio bíblico: ainda atordoados pela súbita mudança, uns viam a vida a andar para trás, e outros não sabiam como andar para a frente e seduzir através da palavra a nova sultana daquele antro de sabedoria.

No gabinete ao lado, enquanto esvaziava as gavetas e metia a papelada para dentro da sua pasta, Ricardo murmurava:

— Ah, mas isto não vai ficar assim! Esta cabra paga-mas! Eu vou ao ministro! Ele é da minha loja, e isso ela não sabe! Estas gajas querem ser muito modernas, muita igualdade, muita liberdade, mas não suportam um tipo com garra, que não dependa delas.

Nisto, espreitou pela porta do expropriado gabinete uma jovem de cabelo apanhado e olhos inchados, que perguntou, num soluço:

— Professor, se já não precisa de mim, posso ir-me embora?

— Ricardo. É Ricardo que me chamam, Teresa. E eu vou consigo.

III

Recordações dos Tempos da Peste

Por Ana Cristina Silva

Nesse instante, a Professora Cacilda chamou-a para a reunião e Teresa despediu-se apressadamente do anterior líder, temendo confissões indesejadas. Como cientista, sabia que o projecto podia mudar as coordenadas que faziam mover a humanidade. Sob a sua aparência tímida, era uma jovem de ideias claras e de pensamentos obsessivos, mas apenas em relação à investigação. Daí a sua perplexidade em se deparar com discussões acesas, e logo entre pessoas tão brilhantes, em que o que estava em causa era a disputa de protagonismo, como se o medo de se verem como secundários naquela história superasse o bem comum. Pelos vistos, não herdara o gene da competição, que, do seu ponto de vista, absorvia demasiada energia, a qual deveria ser direccionada para descobertas fundamentais. Caminhou lentamente pelo longo corredor branco até à sala de reuniões, levando a mão ao bolso da bata. No seu interior estava um envelope com uma carta de um avô que não chegara a conhecer. Era capaz de reproduzir de memória cada uma das suas palavras, porque aquela carta demonstrava que tudo o que já acontecera voltaria a acontecer. E ela oferecera-se para aquele projecto perigoso e inovador para que o mundo se envolvesse em mudanças definitivas. Antes de se juntar aos colegas, cerrou os olhos e convocou a voz do seu avô, como se recitasse uma oração: